

Ricardo Grácio

«NÃO PERCEBO POESIA»

— anotações preparatórias para uma viagem de exploração e mapeamento de um continente desconhecido

Nota introdutória de Rui Pereira

FICHA TÉCNICA

Diretor da coleção poesis:

Ricardo Grácio

Título:

«Não percebo poesia» — anotações preparatórias para uma viagem de exploração e mapeamento de um continente desconhecido

Autor:

Ricardo Grácio

Nota introdutória:

Rui Pereira

Capa:

Grácio Editor

Design gráfico:

Grácio Editor

1ª Edição: Abril de 2013

ISBN: 978-989-8377-44-9

Dep. Legal:

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

PONTO DE PERGUNTAR (?)

Rui Pereira

Podemos pôr as coisas assim: o mundo —ou os mundos— em que vivemos tem a seu cargo ensinar-nos que a humanidade é muito jovem, ainda. Com efeito, três milhões de anos não dão para muito, parece ser o que nos dizem estes dias que vivemos, todos os dias, ao acordar sem crer para fazermos qualquer coisa sem querer. Os filósofos e os poetas andam, de há muito, a avisar. Sermões aos peixes, sabemos-lo todos. Apesar de tentarmos viver como se o não soubéssemos.

Um. Ponto de Situação

Dos seus recantos pouco visíveis e pior vistos pela atmosfera de ódio ao pensamento que nos rodeia, pseudoambientes saturados de espelhos, de indiferença, de máquinas, de musiquetas omnipresentes, de alegrias breves e por encomenda, de vidas subvivas em voo rasteiro, avisam-nos pois os filósofos e os poetas. Os homens vivem hoje em sofrimento de finalidade, diz um;

são *behavors* e não *belivers*, diz-nos outro, num trocadilho para o qual não temos equivalente suficientemente eficaz na língua a que ainda tentamos chamar “nossa casa”. O mal-estar já não se encontra na civilização, mas na barbárie encapsulada a golpes de cinismo, bombas atómicas e outras crueldades que, por menos espectaculares, não são por isso menos assassinas. A fronteira entre ambas, civilização e barbárie, dir-nos-á, outro ainda, é por vezes tão ténue que nunca podemos saber em qual das duas ainda estaremos.

Durante décadas, as últimas, dizer-se coisas destas implicava viver sob a rotulagem do “ressentimento”. Era conversa de *looser*, gente mal-contente que não se tinha adaptado, que ficara congelada na sua nostalgia de coisa nenhuma. Apontar nesta direcção, já não fazia cair o indicador, é certo. Mas valia a quem o fizesse o estigma da *bílis negra*, desse melancólico que definhava na orla da Inovação e do Progresso, as novas palavras que o mundo passou a usar para nada dizer sobre si.

E, contudo, tudo estava à vista. A perda de legibilidade do mundo, traduzida por uma incomunicação associada, onde as notícias perderam o “porquê” e a imagem do mundo que mostram não tem por aferidor a verdade ou a falsidade, mas simplesmente a sua verosimilhança. Ter acontecido assim ou lá perto, é algo de relativamente indiferente, se comparado com o facto, esse sim bastante, de que podia muito bem ter aconte-

cido assim. Até porque, seja como for, no dia seguinte ninguém se lembrará do que foi dito ter acontecido no dia anterior. A fanfarra pode, pois, continuar.

E as existências, embrulhadas no papel pardo do ruído permanente e esvaziado de qualquer “porquê”, lá podem prosseguir, mais acrimoniosa ou mais docemente, a sua marcha sem “para quê”. Dizem os poetas: “Houve aqui alguém que se enganou”. O que até poderia parecer natural. A humanidade é jovem. Dada, portanto, às tolices próprias da idade. Mas essa breve idade já não quer dizer que as suas “travessuras” possam condescendentemente passar por isso mesmo, simples “brincadeiras”. É Kundera, quem, a dado passo, num dos seus belos livros, falando dos homens, lhes aponta, com a leveza que as coisas graves reclamam: “... e brincam”.

Dois. Ponto de Precisão.

A brincadeira, se assim se lhe pode chamar, dos homens com o mundo tem preço, todavia. A dor do mundo está aí, na sua velha prosa, à saída da porta, dentro das casas, no couro endurecido dos corações couraçados. Nas guerras e nas fomes, as novas e as de sempre. Nos olhares que trocaram a frontalidade pela obliquidade. Na fuga sem arte em que nos precipitamos. No passo suspenso. No desequilíbrio e no evitamento do

Outro, que é a mais segura maneira de fugir do mundo e de nós mesmos. No barulho ensurdecido de todas as respostas que se esqueceram da pergunta a que deviam corresponder. Não é o velho problema de nada ter por garantido. Mas, antes, o novo problema de garantidamente nada ter.

É por isso preciso voltar ao começo. Ao ponto perdido de perguntar, que é como todas as crianças e alguns sábios chamam ao interrogante. Experimentar tudo outra vez, de raiz: radicalidade é isso. Ir a "o fundo do fundo", chegar mais perto apesar de, como também diz a cantiga, "ao longe o ar ser mais leve". E, por isso, menos laborioso.

De onde pode vir a palavra densa, capaz de nos levar, então, ao fundo do mar, sem mesmo poder fornecer a promessa de nos devolver a superfície à respiração? No reino do "quê", o ponto de precisão está, talvez, nas dimensões perdidas do "porquê" e do "para quê". No sentido.

Nada se adiantará, nestas linhas que aqui concluem, acerca da viagem que as palavras a vir nos contarão nas páginas seguintes. A não ser que, no rigoroso sentido de exactidão e no seu figurativo de "necessidade", o breve texto que segue poderia muito bem ter como subtítulo qualquer coisa como: "*Precisões Acerca da Utilidade do Espanto para a Vida*". O seu jovem autor, com a audácia que só os filósofos e as crianças

(entidades homólogas, diga-se) ainda guardam, aponta um caminho maior do que o do seu próprio enunciado.

É muito precisa a dose de sentimento e de inteligência necessária para tê-lo escrito. Talvez seja pelo resgate da consciência que possamos ainda ir. O breve texto de Ricardo Grácio devolve-nos a contraditória sabedoria de Alberto Ferreira, quando, entre alguma esperança e muito desencanto, clamou, aqui há umas décadas atrás: “Corram os mais jovens da tribo ao rochedo de Adamastor”. É bom ler a corrida em marcha. Mesmo que ninguém pareça ter ouvido o tiro de partida.

NOTA EXPLICATIVA DO AUTOR

Este pequeno livrinho foi, para mim, um acontecimento inesperado. Não só não foi planeado como surgiu no meio de um conjunto de afazeres que não o faziam prever. A pergunta que o norteia foi uma que coloquei a mim próprio durante bastante tempo. Era o tempo em que, para mim, a poesia era também um continente desconhecido. Ainda relativamente recente, esse tempo tem ainda em mim a sua memória.

Não se pense, contudo, que agora o apresento como uma mostra de um conhecimento ou compreensão de algo cujo “domínio” poderia agora demonstrar. Conhecer um continente é sempre apenas ter experimentado um modo de entrada nele, isto é, um modo de o observar. Que essa observação me tenha ajudado a, de alguma forma, ir entrando na coisa, não significa, de forma alguma, que essa seja a única e, muito menos, a melhor forma de o fazer. Unicidade de cuja “existência” duvido e cuja utilidade considero nula.

Os méritos que este texto possa eventualmente ter escapam, em larga medida, aos méritos do autor. É que se ele se escreveu foi graças às perguntas inteligentes e atenção sensível de alguém que, numa conversa, me re-

lembrou que eu também um dia não era capaz de ler poesia nem de fazer nada com ela. Assim, este texto deve um agradecimento especial ao Daniel Silva, cuja sensibilidade e curiosidade incessantes me obrigaram, mais uma vez, a experimentar os meus limites e procurar, da melhor maneira que me foi possível, tentar lançar alguma luz sobre aquilo que, para outros também, é muitas vezes enigma. A força da exclamação que aqui se faz pergunta é dele e, por isso, lha devo.

O espírito com que procurei articular esta conversa foi no de a tornar, e ao seu assunto, acessível ao máximo possível de pessoas, independentemente de idades e históricos formativos e pessoais. A justa medida em que isso foi conseguido encontrar-se-á na forma como, a cada caso, o texto consiga (ou não!) falar com o leitor. Ficaria muito satisfeito se ele pudesse contribuir para atravessar o pórtico que abre para o continente da poesia a quem, por qualquer motivo, nunca tenha acontecido atravessá-lo e pôr-se a explorá-lo.

Se no final ele servir para ajudar a encaminhar quem tem dificuldades em “saborear” poesia no sentido de, quem sabe, talvez ser capaz de começar a conseguir fazê-lo, dar-nos-emos por muito satisfeitos. Não porque a poesia seja a maior (ou menor) de todas as artes e de todas as coisas, muito menos porque ela confira seja a quem for que a saiba “saborear” um estatuto “especial”, mas antes porque, sendo ela um dos modos

pelos quais o humano constrói possibilidades ricas de observação do mundo e de si próprio, nos parece que ela deve ser naturalizada como forma de pensar, sentir e interpretar aquilo que vai sendo a nossa experiência das coisas. E isso obriga a todos os esforços no sentido de a tornar acessível a todos aqueles que se interessem e que podem, por vezes, encontrar no caminho desse interesse nada mais que obstáculos.

Agradecimentos especiais, ainda, aos meus avôs Quim e Zeca, às minhas avós Gé e Alice, à minha mãe, Alice também, ao meu tio Pedro, à Sara Vitorino, e ao meu amigo Nuno Santos, pela atenção que deram a este texto na sua fase de nascimento, por pintarem, cada um à sua maneira, as paisagens de que se alimentam as viagens e construírem as casas de que se fazem os confortos e os acampamentos em que repousamos os cansaços das expedições.

Fevereiro de 2013